

TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS AMPLIANDO LIMITES DE AULAS DE LÍNGUAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO IDIOMAS SEM FRONTEIRAS-INGLÊS NA UFMS

João Pedro Wizniewsky Amaral 

Doutor em Estudos Literários pela UFMS e professor tutor do programa Idiomas Sem Fronteiras-Inglês da UFMS – shuaum@gmail.com

Resumo: Devido à pandemia do Covid-19, professores e alunos foram compulsoriamente transferidos para um contexto remoto de ensino/aprendizagem. O programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) enfrentou a mesma realidade e teve que oferecer seus cursos inteiramente de forma não-presencial. Nesse período de transição, o principal entrave didático foi a falta de uma diretriz específica sobre quais tecnologias seriam utilizadas (e como elas seriam utilizadas) nas aulas online. A partir desse contexto, relatamos aqui uma experiência pedagógica em três cursos remotos do IsF-Ingês na Universidade Federal de Santa Maria, no segundo semestre letivo de 2020. Nosso objetivo é apresentar uma contribuição para a discussão sobre os problemas e as possibilidades de um ensino/aprendizagem remoto ancorado no uso de tecnologias de ensino. Nas aulas, utilizamos o *Google Forms*, *Google Meet*, *Google Slides*, *Google Docs* e *Google Drive*, além de redes sociais e e-mail. Tais tecnologias foram importantes para que os três cursos fossem bem-sucedidos. Um dos principais resultados positivos de nossa experiência foram conversas com pessoas estrangeiras sobre aspectos culturais, o que se tornaria quase inviável em aulas presenciais. Além disso, essas tecnologias permitiram um aumento do público-alvo do programa, posto que houve matrícula de alunos de campi de outras cidades que não Santa Maria. Esperamos que nosso relato possa servir como um facilitador de ideias sobre metodologias de ensino – sobretudo em aulas de línguas adicionais –, nesse período dinâmico em que temos que buscar soluções cada vez mais rápido para novos problemas referentes à educação.

Palavras-chave: Idiomas sem Fronteiras; Tecnologias educacionais; Ensino/aprendizagem remoto.

EDUCATIONAL TECHNOLOGIES EXPANDING LANGUAGE CLASSES LIMITS: AN EXPERIENCE REPORT ON LANGUAGES WITHOUT BORDERS-ENGLISH AT UFMS

Abstract: Due to the Covid-19 pandemic, teachers and students have been compulsorily transferred to a remote teaching/learning context. The Language without Borders (IsF) program has gone through the same reality and had to offer its courses remotely. In this transitional period, the main didactic obstacle has been the lack of a specific guideline on what technologies would be used (and how they would be used) in online classes. Based on this context, we report here a pedagogical experience in three remote IsF-English courses at Federal University of Santa Maria, in the second academic semester of 2020. Our objective is to present a contribution to the discussion on problems and possibilities of remote teaching/learning, grounded on teaching technologies. In classes, we used Google Forms, Google Meet, Google Slides, Google Docs and Google Drive, in addition to social networking websites and email. These technologies have been important for the three courses to be successful. One of the main positive results of our experience was conversations with foreigners about cultural elements, which would be almost unachievable to run in face-to-face classes. Moreover, these technologies have increased IsF's target audience, since students from campuses in cities other than Santa Maria could have been enrolled. We hope our report may serve as a facilitator of ideas when it comes to teaching methodologies - especially in

additional language classes -, in this dynamic period in which we have to search for faster and faster solutions to new problems related to education.

Keywords: Language without Borders program; Educational technology; Remote teaching/learning.

Introdução

Criado em 2012 com o intuito de “auxiliar estudantes de nível superior a terem acesso aos programas de mobilidade ofertados pelo Governo Federal” ([BRASIL, 2017](#)), o Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) foi lançado oficialmente em 14 de novembro de 2014. Segundo a portaria nº 973, que institui o programa, seu objetivo principal é “propiciar a formação e a capacitação em idiomas de estudantes, professores e corpo técnico-administrativo das Instituições de Educação Superior Públicas e Privadas – IES e de professores de idiomas da rede pública de educação básica” ([BRASIL, 2014, p. 11](#)), além de oferecer formação e capacitação em língua portuguesa a estrangeiros. Dentre as ações oferecidas pelo programa Idiomas sem Fronteiras, destacamos aqui a formação de professores, a capacitação em língua adicional, capacitação de estrangeiros, oferecimento de teste de línguas adicionais, além de cursos online¹ e presenciais.

No que tange ao IsF-Inglês, [Dorigon \(2015, p. 6\)](#) argumenta que o programa é um “resultado da construção de discursos favoráveis ao ensino de inglês, sobretudo se pensarmos nas demandas geradas a partir da implementação do Ciência sem Fronteiras (CsF)”, programa do governo federal que incentivava parte da formação acadêmica fora do Brasil. Como o CsF demandava de estudantes contemplados bom nível de proficiência em inglês, “ações complementares ao Programa passaram a ser empreendidas, especialmente no que diz respeito às línguas estrangeiras no contexto da internacionalização, as quais culminaram na criação do Programa Inglês Sem Fronteiras (IsF), em dezembro de 2012”. ([GIMENEZ; PASSONI, 2016, p. 117](#)). O IsF, pois, é uma política linguística brasileira que, segundo [Dorigon \(2015, p. 15\)](#), foi um grande avanço em direção a uma política de internacionalização do ensino superior brasileiro, e que veio maturando-se e se complexificando ao longo dos anos.

Como política linguística, o IsF se mostra extremamente importante para a sociedade, uma vez que o programa promove a internacionalização acadêmica brasileira, atingindo, direta e indiretamente todos os níveis da educação. Nesse sentido, [Sarmiento, Abreu-e-Lima e Moraes Filho \(2016, p. 11\)](#) explicam que os efeitos positivos do IsF vão além da simples

oferta de cursos de línguas, “apesar de somente esses serem suficientes para justificar o investimento. O IsF tem proporcionado um terreno fértil para a formação inicial e continuada de professores”. Ora, se o IsF promove uma qualificada formação de professores, alunos de diversos níveis de ensino são também contemplados por essa política linguística porque parte desses professores irão atuar na educação básica.

Em 2020, devido à pandemia do Covid-19, professores e alunos foram compulsoriamente transferidos para um contexto remoto de ensino/aprendizagem. [CÓ, Amorim e Finardi \(2020, p. 113\)](#) lamentam que tal mudança aconteceu “sem uma (in)formação específica para isso”. O IsF enfrentou a mesma realidade e teve que oferecer seus cursos inteiramente de forma não-presencial. Nesse período de transição, uma das principais adversidades didáticas foi a falta de uma diretriz específica sobre quais tecnologias seriam utilizadas (e de que forma elas seriam utilizadas) nas aulas online. Como cada professor ficou responsável por escolher as suas, os alunos tiveram que se adaptar a diferentes ferramentas, sites, aplicativos e plataformas, para que as aulas remotas acontecessem. Passado um ano após o início da pandemia, não superamos totalmente esse estágio: professores e alunos ainda estão descobrindo, aprendendo e se adaptando às tecnologias educacionais para o ensino/aprendizagem remoto.

A partir desse contexto, neste artigo reporto a experiência pedagógica realizada em três turmas do IsF-Ingês na Universidade Federal de Santa Maria, no segundo semestre letivo de 2020. O programa foi oferecido continuamente na UFSM de 2014 a 2018. Contudo, em 2019, foi iniciada a oferta, mas ela teve que ser cancelada devido ao encerramento do financiamento pelo Ministério da Educação (MEC), não tendo bolsas para os professores. Desde esse período, a ANDIFES (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior) assumiu a coordenação nacional do programa e, em 2020, a instituição pode ofertar novos cursos do IsF-Ingês, mas de forma remota, devido à pandemia.

Neste relato, apresento a situação específica ocorrida durante a aplicação dos cursos de IsF-Ingês na UFSM, como contribuição para a discussão sobre os problemas e as possibilidades de mobilizar o ensino/aprendizagem na modalidade remota ancorada no uso de tecnologias de ensino. Espero que nosso relato possa servir como um facilitador de ideias sobre metodologias de ensino – sobretudo em aulas de línguas adicionais –, nesse período

dinâmico em que temos que buscar soluções cada vez mais rápidas para novos problemas educacionais.

Contexto da Dinamização

O presente relato traz a experiência que envolveu três cursos oferecidos pelo programa IsF- Inglês, no segundo semestre letivo de 2020, da Universidade Federal de Santa Maria, sendo duas turmas de Produção Oral – Interações Acadêmicas (para níveis A2 e B2 de inglês) e uma de Produção Escrita – Parágrafos (para nível B1). Cada turma tinha a capacidade de 20 alunos.

Esses três cursos foram ofertados para estudantes de graduação e pós-graduação, docentes e técnicos-administrativos em educação de todos os campi da UFSM. Cada curso possuía carga horária total de 32h, divididos em 16 encontros de 2h cada. As aulas aconteceram de outubro a dezembro de 2020, em encontros bissemanais.

As aulas de Produção Oral foram ofertadas nas segundas e quartas-feiras, nível A2 e nível B2; já a turma para trabalhar a habilidade de Escrita – Parágrafos foi ofertada nas terças e quintas-feiras. Os cursos tiveram duração de praticamente dois meses: o primeiro dia de aula foi dia 26 de outubro, e o último encontro síncrono ocorreu no dia 22 de dezembro. Todas as aulas eram síncronas e aconteciam remotamente via *Google Meet*.

Tecnologias Educacionais Envolvidas

Nessa experiência pedagógica, usamos as seguintes plataformas: *Google Forms*, *Google Meet*, *Google Slides*, *Google Docs* e *Google Drive*. Ainda, utilizamos redes sociais oficiais da Universidade Federal de Santa Maria para fazer a divulgação dos cursos e o e-mail como forma de comunicação oficial entre o professor tutor e os alunos. Ressaltamos aqui que essas tecnologias não foram criadas designadamente com finalidades didáticas, mas nossas práticas possibilitaram que elas fossem usadas como ferramentas educacionais.

Como esta foi a primeira vez que o IsF-Inglês foi oferecido totalmente de forma remota na UFSM, procuramos utilizar tecnologias de fácil usabilidade e com as quais os alunos já estão habituados. A escolha pelas plataformas do Google se justifica pela praticidade e notoriedade.

Ademais, todos os alunos e funcionários da UFSM têm direito a um e-mail institucional vinculado ao Google, o que facilitaria o ingresso em qualquer uma das plataformas. Pressupunha-se que os alunos já utilizavam tais plataformas anteriormente, o que foi confirmado no primeiro encontro síncrono.

Quanto às plataformas em específico, o *Google Forms* foi utilizado para criar um formulário de oferta de matrícula nos três cursos do IsF-Ingês. Já todas as outras foram usadas durante as dinamizações das aulas síncronas, ministradas de forma remota via *Google Meet*. Quando precisávamos realizar uma apresentação de slides (tanto por parte dos alunos quanto por parte do professor), utilizamos o *Google Slides*, com tela compartilhada para o *Google Meet*. De forma extraclasse, cada turma tinha acesso a uma pasta compartilhada no *Google Drive*, em que nós, professores e alunos, fazíamos upload de arquivos usados em aula ou outros arquivos (vídeos e textos, por exemplo) que apareciam em alguma atividade didática. A ementa de cada curso também estava disponível para acesso nas suas respectivas pastas.

Periodicamente, na turma de Produção Escrita – Parágrafos, as tarefas escritas que os alunos deveriam entregar eram todas submetidas via *Google Docs*. Eventuais correções, apontamentos, feedback e comentários eram incluídos por nós no próprio arquivo, facilitando, assim, a comunicação e a transparência da avaliação das atividades.

Metodologia

Inicialmente, a primeira tecnologia educacional que utilizamos como um planejamento dos cursos do IsF-Ingês na Universidade Federal de Santa Maria foi o *Google Forms*. Por meio dele, criamos um formulário online de inscrição cuja divulgação ocorreu pelas redes sociais e pelo site da UFSM. Tivemos um total de 141 solicitações de matrícula nos três cursos.

O número de interessados pelos cursos foi alto se comparado aos anos anteriores em que cursos do IsF-Ingês da UFSM foram oferecidos. Como foi a primeira vez que o IsF-Ingês da UFSM realizou a inscrição nos cursos via *Google Forms*, podemos inferir que essa tecnologia facilitou o processo, provavelmente por ser uma ferramenta difundida e de simples manuseio. Até então, as inscrições eram feitas via Sistema IsF Aluno², que, por sua sofisticação e capacidade de armazenamento e centralização de dados na rede nacional do Programa, tornavam o processo mais complexo. Na oferta remota e controlada localmente, o formulário

de inscrição teve de aumentar a flexibilidade quanto à comprovação de proficiência, permitindo aos interessados anexar comprovantes de nivelamento de língua além do TOEFL-ITP e My English Online, os únicos aceitos pelo sistema anterior, e a conferência desses comprovantes tinha de ser feita manualmente pela equipe local. Foram aceitos certificados de cursos diversos que apresentassem níveis de língua compatíveis com o que buscávamos.

Ainda que alguns dos certificados que recebemos não estivessem baseados no Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, procuramos interpretar as equivalências. Além do mais, o *Google Forms* direcionou o respondente para perguntas específicas a seu perfil, permitindo à equipe mapear os interesses e necessidades do público-alvo. Por exemplo, alunos de graduação deveriam responder perguntas referentes aos seus cursos, algo que não cabia a técnicos-administrativos ou a docentes.

Todas as outras plataformas supracitadas, entretanto, foram utilizadas a partir do início das aulas. Cada um dos cursos oferecidos tinha a frequência de 2 aulas síncronas semanais, contando com a duração de 2 horas cada, contabilizando, assim, 16 encontros. Nos 16 encontros síncronos da turma de Produção Escrita – Parágrafos, estudamos as características de tipos de parágrafos recorrentes na escrita acadêmica. Além disso, reconhecemos alguns movimentos discursivos do gênero dos diversos tipos de parágrafos e aspectos léxico-sistêmicos que subjaz a produção escrita.

Em aulas teórico-práticas, ministradas em português, uma vez que o foco era na escrita, a turma teve que produzir, durante os encontros síncronos, breves atividades de escrita e análise de parágrafos referente aos conteúdos listados acima. Em aula, eles deveriam fazer análise ou produção de pequenos parágrafos ou frases, que seriam postados do bate-papo da plataforma *Google Meet*.

Além disso, cada aluno concluinte escreveu ao todo 7 parágrafos (cada um com uma proposta diferente, discriminada na ementa do curso), como tarefas extraclases. Os parágrafos eram enviados através do e-mail do Idiomas sem Fronteiras da UFSM, e era através dessa plataforma que apontávamos eventuais desvios, sugestão ou comentários gerais. Em certas aulas, compartilhávamos as produções da turma, para que todos pudessem também acompanhar e avaliar as produções dos colegas.

Já nas duas turmas de Produção Oral – Interações Acadêmicas, além das aulas serem ministradas exclusivamente em inglês e toda a interação ser feita nessa língua, cada aluno concluinte teve que preparar oito atividades para apresentação oral considerando contextos de interações acadêmicas, como apresentações em congressos, solicitar e fornecer informações e fazer perguntas em palestras. A atividade final foi uma apresentação de uma pesquisa específica da área de atuação do aluno (podendo ser acompanhada por slides), de 10 a 15 minutos de duração, simulando um evento acadêmico. Após a comunicação oral, os colegas deveriam fazer perguntas ou comentários sobre ela.

No entanto, três das apresentações orais da turma nível B2 e duas apresentações da turma nível A2 consistiam na preparação de perguntas para serem feitas a convidados estrangeiros. Para o nível A2, foi convidada uma professora universitária estadunidense para comentar e responder perguntas sobre a cultura dos Estados Unidos. O mesmo aconteceu com um professor argentino convidado para expor e responder perguntas sobre seu país de origem. Já no nível B2, três foram os convidados: uma professora irlandesa de Gaélico, uma professora queniana de Suaíli e uma professora libanesa de língua árabe.

Nessas aulas, os convidados faziam uma breve apresentação cultural (focada no ensino superior do país) e em seguida, os alunos faziam uma série de perguntas, como em uma entrevista coletiva. Essas apresentações culturais foram atividades muito interessantes para os alunos, conforme nos relataram no último encontro. Essa talvez foi a maior vantagem das tecnologias educacionais no contexto de ensino/aprendizagem de línguas. A presença física de pessoas estrangeiras nas aulas é uma ação extremamente difícil de se realizar, pensando em termos de logística. Contudo, a presença de outros falantes (nativos ou não) é uma forma de incentivar a interação e pode promover a autonomia e autoconfiança ao usar uma língua adicional.

Resultados e Discussões

Em aulas de línguas adicionais, a interação é um fator significativo para que haja um ambiente propício para o ensino/aprendizagem, posto que o objetivo da linguagem é a comunicação, que, por sua vez, implica em interações. O contexto do ensino remoto nos forçou a diminuir tais interações, ao menos presencialmente. No entanto, nas três turmas do

IsF-Inglês da UFSM a interação entre alunos foi efetiva, sobretudo nas duas turmas de Produção Oral. A plataforma *Google Meet* foi decisiva para tanto, pois os alunos estavam adaptados a ela e não tivemos problemas técnicos. Mesmo levando em conta que os alunos eram estudantes ou formados nas mais diversas áreas do saber – o que poderia dificultar mais ainda o intercâmbio de ideias – eles conseguiram manter interações de forma espontânea (destacamos que a maioria dos alunos ligava a câmera, quando possível) durante as aulas, fazendo perguntas inclusive sobre pesquisas de outros campos.

Outro benefício que as tecnologias educacionais trouxeram ao IsF-Inglês remoto foi a matrícula de pessoas de outros campi da UFSM, além do campus sede, uma demanda represada no histórico do IsF na instituição. Na modalidade presencial, a oferta de cursos nos campi de Frederico Westphalen, Palmeira das Missões e Cachoeira do Sul acontecia apenas esporadicamente, pois os professores em formação no programa precisavam se deslocar aos respectivos campi, o que aumentava o tempo dedicado ao programa e os custos de viagem e estadia. Caso os cursos fossem ofertados presencialmente, alunos de outras cidades não conseguiriam acompanhá-los. Portanto, se por um lado as interações presenciais não são substituídas pelo do ensino/aprendizagem remoto, por outro, as tecnologias da educação permitiram o acesso de um público desatendido aos cursos do programa. Registramos aqui a sugestão de uma das turmas de que, mesmo em um contexto de retorno às aulas presenciais, pelo menos uma turma do Idiomas sem Fronteiras - Inglês fosse ofertada de forma remota. Isso possibilitaria a ampliação do público-alvo, sejam pessoas de outros campi ou mesmo quem não pode se deslocar para o campus no horário das aulas síncronas, ampliando o público-alvo do programa. Isso mostra como elementos e ferramentas do ensino remoto vem cada vez mais se naturalizando em um contexto educacional.

O distanciamento social promovido pela pandemia fez com que o processo de ensinar a ensinar e de aprender a aprender, com apoio das tecnologias, fosse acelerado e descentralizado, quebrando os muros (e autoridades) das instituições de ensino responsáveis por essa formação. Assim, o que antes era uma proposta hipotética ou até mesmo rejeitada de ensino virtual ou híbrido, tornou-se uma realidade, assim como nossa realidade também se hibridizou numa realidade/virtualidade. ([CÓ; AMORIM; FINARDI, 2020, p. 116](#))

Um problema que tivemos nos três cursos, todavia, foi que o alto índice de procura não refletiu o número de concluintes. Dos 20 matriculados inicialmente em cada curso,

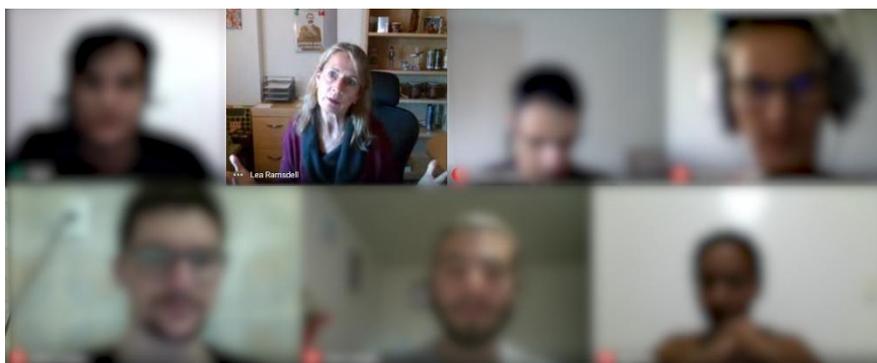
respectivamente 10, 9 e 5 concluíram Produção Escrita – Parágrafos e Produção Oral – Interações Acadêmicas nos níveis B2 e A2, correspondendo a um total de 40% das vagas. As desistências ocorreram desde a primeira semana, nos obrigando a matricular mais pessoas da lista de espera. Ainda assim, foi um número maior comparado aos dos concluintes de cursos anteriores do IsF-Inglês da Universidade Federal de Santa Maria. Em 2017, último ano em que temos disponíveis os dados do programa pela UFSC, de 225 vagas oferecidas em 11 cursos, 153 matricularam-se e apenas 29 alunos concluíram com aprovação (12,88% do total de vagas). Em 2016, das 960 vagas oferecidas em 48 turmas, tivemos apenas 215 concluintes (22,39% do total de vagas). Interessante notar que em todos os outros anos do programa IsF-Inglês da UFSC, havia turmas sem inscritos suficientes. Isso não ocorreu nos cursos atuais.

Infelizmente não conseguimos mensurar ou quantificar as justificativas de todas as desistências do ano de 2020 porque, embora as solicitássemos, não recebemos o devido retorno. Não obstante, de acordo com as pessoas que nos retornaram, as duas principais justificativas foram: a) problemas pessoais; e b) não ter tempo disponível durante o semestre para se dedicar ao curso. Ainda, uma pessoa nos respondeu que o nível de inglês não condizia com o nível da turma. Muitos alunos inscrevem-se no curso pressupondo que têm condições de acompanhar as aulas, mas não o conseguem, de fato. É interessante notar que nenhum dos problemas apontados têm relação, com efeito, com as tecnologias educacionais.

O alto índice de entrega das tarefas extraclasse solicitadas confirmou o bom funcionamento das plataformas escolhidas. Nessas ações, os alunos deveriam realizar e cotejar as atividades propostas a partir do *Google Slide*, *Google Drive* e *Google Docs*. Em nenhum caso foram relatados problemas. Já os exercícios propostos durante as aulas síncronas eram realizados através do próprio *Google Meet*, tanto oralmente quanto de forma escrita. Em especial no curso de Produção Escrita – Parágrafos, os alunos usavam a funcionalidade de bate-papo da plataforma para escreverem frases e parágrafos curtos. Porém, um entrave foi que o bate-papo possui um número limitado de caracteres. Ou seja, se os alunos precisassem escrever um texto mais extenso, a plataforma não daria conta. Como os exercícios em nossas aulas demandavam criações curtas, raramente enfrentamos esse problema em sala de aula.

De acordo com o feedback dos alunos das turmas de Produção Oral, o melhor ponto das aulas proporcionado pelas tecnologias educacionais usadas em aula foi o contato direto, através da língua inglesa, com outros falantes – nativos e não-nativos. Segundo alguns dos alunos, essas atividades foram significativas porque eles puderam quebrar algumas crenças linguísticas, como, por exemplo, a ideia de que é necessário expressar-se oralmente de acordo com a gramática para garantir entendimento do interlocutor; ou que somos obrigados a falar de forma parecida com um falante nativo para estabelecer uma comunicação efetiva. Muitos alunos relataram que este foi o primeiro contato com um falante nativo de inglês, e sentiram-se exitosos na experiência, aumentando sua autoestima e autonomia no uso da língua.

Figura 1 - Conversa cultural sobre os EUA com a professora universitária Lea Ramsdell.



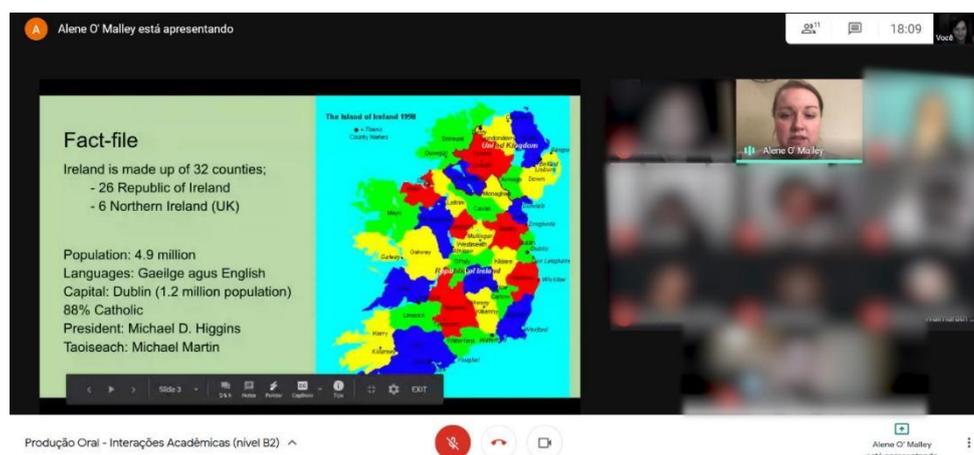
Fonte: autor.

Uma aluna comentou que, por meio dessas aulas, ela pode sentir que realmente sabia inglês. Em outro relato, uma aluna afirmou que, por ser oriunda de uma família com condições pouco privilegiada, conseguir comunicar-se em inglês através da fala era uma tarefa distante, mas que, nas aulas do IsF, foi alcançada. A autoconsciência da própria capacidade veio justamente por meio do contato com os convidados, uma vez que eles não poderiam usar a língua portuguesa para a comunicação.

Outrossim, essas interações genuínas com falantes de outros países incentiva uma habilidade linguística pouco explorada comparativamente: a consciência cultural. Muito se fala sobre as quatro principais habilidades linguísticas: *speaking*, *reading comprehension*, *listening* e *writing*. Ora, ensinar/aprender uma língua envolve também desenvolver competências comunicativas interculturais ([MOTTA-ROTH, 2006](#)), e isso é importante para reconhecer o mundo diverso em que vivemos, e os diferentes valores sociais que permeiam

nossas relações. De acordo com [Désirée Motta-Roth \(2006, p. 291\)](#), à medida que geramos símbolos linguísticos, construímos uma identidade, para nós e para o Outro, cravada nas nossas respectivas percepções da nossa própria cultura e na do Outro.

Figura 2 - Conversa cultural sobre a Irlanda com a professora Alene O' Malley.



Fonte: autor.

Quando começamos as aulas remotas do IsF-Ingês, não conseguíamos vislumbrar claramente as dificuldades nem as possibilidades que poderíamos enfrentar durante as aulas. Este era um primeiro contato com as tecnologias educacionais. Então, os cursos do IsF foram praticamente um experimento em que professores, alunos e as próprias tecnologias educacionais atuaram como colaboradores no sentido de repensar as práticas dessas aulas de língua adicional.

Isso, como apontam [Gimenez e Passoni \(2016, p. 125\)](#), é também uma forma de desenvolvimento contínuo de políticas linguísticas. “Atores no contexto da prática podem desenvolver ações e atribuir sentidos a elas de modo distinto dos elaboradores da política. Essa trajetória marca o caráter dinâmico das políticas, porosas a influências de diferentes atores, inclusive os atuantes no contexto da prática”. A experiência de ensino/aprendizagem remoto nos cursos do IsF-Ingês oferecidos pela Universidade Federal de Santa Maria foi, assim, um modo de propor novas práticas e atribuir novos sentidos a esta política linguística.

A pandemia da Covid-19 nos obrigou a reformular nossas ações, o que demandou novas necessidades didáticas. O programa Idiomas sem Fronteiras não é uma exceção. Ele não

é estanque nem inflexível e suas pequenas modificações em sala de aula contribuem para o desenvolvimento dessa política linguística:

À medida que o programa se torna mais ambicioso e desenvolve novos objetivos, vão surgindo novas necessidades e desafios, os quais podem ter influência sobre discursos e novos textos políticos. As práticas em sala de aula não estão imunes a isso; muito pelo contrário, é lá que as políticas são implementadas de fato ([DORIGON, 2015, p. 16](#)).

Conclusões

É provável que a educação tenha uma dimensão humana que nenhuma tecnologia seja capaz de emular. Desde que começamos a trabalhar de forma remota e emergencial, vários problemas, principalmente de ordem psicológica, têm afetado muitos alunos e professores. Além de falta de concentração e do aumento de crises de ansiedade e de stress, há até novas categorias de distúrbios, como o *zoom fatigue* (fadiga relacionada diretamente às reuniões e aulas por videoconferência). Talvez esses problemas sejam sintomas – e, portanto, a comprovação da existência – dessa falta do afeto presencial humano na educação.

Contudo, se as tecnologias não conseguem substituir essa essência humana da educação, elas têm o dever de proporcionar artifícios que nos façam chegar o mais próximo disso. Elas devem ser, sobretudo, facilitadoras dos processos de ensino/aprendizagem. Com efeito, foi somente através das tecnologias que conseguimos ministrar aulas remotas durante a pandemia.

Destacamos aqui que foi a partir do uso das tecnologias que, em linhas gerais, os três cursos foram bem-sucedidos. Inclusive, um dos principais resultados positivos de nossa experiência, conversas com pessoas estrangeiras sobre aspectos culturais, seria quase inviável em aulas presenciais. Além disso, as tecnologias educacionais permitiram um aumento do público-alvo do programa, posto que houve matrícula de alunos de campi de outras cidades que não Santa Maria.

O qualificador “sem Fronteiras”, nunca fez tanto sentido como na educação dos tempos atuais. As tecnologias da educação expandiram os limites não só das habilidades linguísticas, mas também das propostas didáticas de cursos, aulas e disciplinas. Nesse sentido,

esperamos que esse relato de experiência possa ser útil para expandir propostas de ideias e ações nos cursos do Idiomas sem Fronteiras e em aulas de línguas adicionais em geral.

Essa realidade remota ainda é muito nova para nós, e estamos nos adaptando com muita rapidez. Concordamos com [CÓ, Amorim e Finardi \(2020\)](#) quando afirmam que uma forma de melhorar a relação entre educação e tecnologia seria um investimento em formação e preparação de professores. Assim, “é possível vislumbrar o uso ou, até mesmo, a combinação de abordagens híbridas que lançam mão do ensino presencial com atividades remotas para o ensino de línguas sem prejuízos ou traumas para os envolvidos” ([CÓ; AMORIM; FINARDI, 2020, p. 134](#)).

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria Nº 973**, de 14 de novembro de 2014. Disponível em: http://isf.mec.gov.br/ingles/images/pdf/novembro/Portaria_973_Idiomas_sem_Fronteiras.pdf. Acesso em: 23 mar. 2021.

BRASIL. **Idiomas sem Fronteiras**. 2017. Disponível em: <http://isf.mec.gov.br/>. Acesso em: 21 mar. 2021.

CÓ, Elisa; AMORIM, Gabriel; FINARDI, Kyria. Ensino de línguas em tempos de pandemia: experiências com tecnologias em ambientes virtuais. **Revista docência e cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 112-140, dez. 2020.

DORIGON, Thomás. O Programa Idiomas sem Fronteiras Analisado a partir do Ciclo de Políticas. **BELT - Brazilian English Language Teaching Journal**, Porto Alegre, v. 6, n. suppl., p. s4-s20, dez. 2015.

GIMENEZ, Telma; PASSONI, Taisa. Políticas Linguísticas e suas consequências não planejadas: o programa “Idiomas sem Fronteiras” e suas repercussões nos cursos de Letras. **Calidoscópio**, São Leopoldo, v. 14, n. 1, p. 115-126, jan./abr. 2016.

MOTTA-ROTH, Désirée. Competências Comunicativas Interculturais no Ensino de Inglês como Língua Estrangeira. In: MOTTA-ROTH, D.; BARROS, N. C.; RICHTER, M. G. (Orgs.). **Linguagem, cultura e sociedade**. Santa Maria, RS: PPGL Editores/UFESM, 2006, p. 191-201.

SARMENTO, Simone; ABREU-E-LIMA, Denise; MORAES FILHO, Waldenor (orgs.). **Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: a construção de uma política linguística para a internacionalização**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

¹ Os cursos online oferecidos antes de 2020, entretanto, eram denominados autoinstrucionais. Ou seja, os alunos resolviam atividades pelo computador e tinham um feedback automático do próprio sistema, sem a presença de um professor. Essa modalidade difere-se, assim, da forma remota apresentada neste relato de experiência.

² A inscrição feita anteriormente pelo sistema do MEC demandava do aluno uma maior quantidade de dados. Nesse sistema, o aluno deveria realizar um cadastro inicial, aguardar o recebimento de uma senha e, então, fazer a inscrição, tornando o processo mais demorado. Ainda, no ato da inscrição do Sistema IsF Aluno, o estudante deveria já apresentar uma nota do teste TOEFL ou realizar um teste de nivelamento simplificado por meio da plataforma MyEnglishOnline, que não era tão preciso.